

ESCRITA DE SI, ASSINATURA E CRIATIVIDADE

Maria José CORACINI

e-mail: coracini@iel.com.br

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Simpósio: Escrita, efeito-sujeito e autoria

Coordenadoras: Maria do Rosário Gregolin e Vanice Sargentini

Objetivando problematizar as noções de autoria, efeito-sujeito e escrita, proponho realizar um percurso sobre a escrita – insólito e produtivo ao mesmo tempo – apoiando-me no pensamento de Foucault e de Derrida, passando rapidamente por concepções psicanalíticas a partir de Freud e Lacan, concepções que, de alguma forma, atravessam o pensamento dos dois filósofos e nos colocam diante de problematizações que nos interessam para a compreensão da escrita.

Em vez de abordar a escrita como forma de comunicação ou como meio de interagir com o outro, que se encontra distante, ausente, interessa-nos abordá-la nas bordas da escrita de si como forma de se dizer, talvez a única maneira, como diria Lacan, de nos subjetificarmos. Foucault, por exemplo, em seu texto sobre a escrita de si (1983), considera a escrita, ao mesmo tempo, como forma de resistência e de submissão ou assujeitamento, pois vários são os casos estudados por ele em que a escrita acontece em decorrência da imposição de uma autoridade – soberano ou juiz – que, ao pretender obter a confissão necessária para o exercício do seu poder – socialmente legitimado, diga-se de passagem – permite, sem o querer, que o sujeito construa para si e para os outros, uma identidade, ilusão ou sentimento de inteireza, de uma existência que encontra o seu lugar no mundo: desconhecidos, vivendo no anonimato, infames, no duplo sentido que Foucault (19) confere ao termo – sem fama e difamados pelo crime que cometeram – dão-se a conhecer pela escrita, a quem quiser lê-los e a si próprios, construindo uma história inventada, engendrada, com elementos da vida (história, passado interpretado) e da ficção, buscando justificativas plausíveis, como ocorreu com Pierre Rivière que viu em seus atos criminosos uma missão salvífica – salvar o pai das garras torturantes de sua mãe. Ao narrar, pela escrita, a *sua* história, imposta pelo soberano, Rivière confessa que pretendia escrevê-la antes do crime – seria um romance? Ou desejo de se fazer conhecido?. Mas, não houve tempo hábil para tal: talvez, penso eu, satisfeitas suas fantasias, lançadas no papel, Pierre Rivière não tivesse chegado às vias de fato.

Ficção e memória, sempre *a posteriori*, memória que, ilusoriamente, se apresenta estável na instabilidade do momento, na impossível fixidez do eu que, heterogêneo, constituído do/pelo outro é apenas processo e movimento. Como afirma Derrida (1972/1991 :47), a escrit(ur)a é *phármakon*: ao mesmo tempo remédio e veneno ou droga. Remédio, porque significa a permanência do dizer, e veneno, porque “sob o pretexto de suprir a memória, a escritura faz esquecer ainda mais; longe de ampliar o saber, ela o reduz. Ela não responde à necessidade da memória, aponta para outro lado, não consolida a *mnéme*, somente a *hupómnésis*¹. Ela age, pois como todo *phármakon*”.

Mas, a autoria, segundo Foucault, é uma função jurídica, na medida em que responde, em Direito, pelos escritos que, tornados públicos, levam a sua assinatura. Foucault questiona, portanto, a autoria como inspiração individual e propõe que nenhum texto é obra de um único indivíduo (in-diviso), mas resulta de um entorno social ou de uma subjetividade – sempre híbrida, constituída pelo outro, atividade, ao mesmo tempo social e singular, já que o modo como se organiza o já-dito confere ou não à obra o estatuto de criativa. Quanto mais se der a ler, quanto mais prenhe de sentidos e de possibilidades de leituras – dilacerando, acrescentando, refutando – mais a obra será produtiva ou, como diria Derrida, mais será original, no sentido de que daria origem a discursividades, garantindo, assim, sua sobre-vida e a do autor, na sobre-vinda de sentidos outros, disseminados, sem que nada e ninguém os possa controlar, a não ser o grupo social ou a formação discursiva (discurso em formação) em que se inscrevem seus leitores, num dado momento histórico-social, num dado espaço geográfico, que delimitam sem limitar os aspectos linguístico-culturais.

Sem contrariar Foucault, Derrida assume que o efeito de subjetividade resulta da experiência da escritura, que, na *différance* (diferença e adiamento do desejo, a um só tempo), não se reduz à linguagem escrita nem se limita ao corpo lingüístico (1992: 33): falar, ensinar são formas de escritura, de inscrição de si (Derrida, 1992: 211). Toda escritura busca uma assinatura, expressão de uma singularidade e de responsabilidade política; mas essa assinatura pode “dissimular uma outra assinatura, a assinatura de um outro ou de uma outra, mais poderosa, mais arguta, mais velha, pronta para todos os golpes e todos os nomes”² (Derrida, 1992:33), idéia que remete – sem igualar – à noção de autor

¹ Mnéme remete a lembrança e *hupómnésis*, a uma espécie de caderneta individual de notas, “exercícios de escrita pessoal”, que consistiam numa maneira de reter as leituras, o ensino e a escuta do dia, usada pelos estóicos e epicuristas, como guia de conduta, mas não constituem os hupomnemata uma narrativa de si mesmo (Foucault, 1983 / 2001: 147-8).

² Tradução minha.

como função jurídica (cf. Foucault), problematizando a noção de autoria como origem ilusória de um texto, e postulando a intertextualidade, ou melhor, a heterogeneidade do texto, resultante da (re)organização de outros textos, de outros discursos, do já(mais)-dito, do mesmo e do diferente, do velho que se faz novo a cada situação de enunciação (Foucault, 1972).

Na entrevista intitulada “Le presque rien de l’imprésentable”, Jacques Derrida explica que podemos “abrir e generalizar o conceito de escritura, estendê-lo até à voz e a todos os traços de diferença, todas as relações com o outro”³ (1992, p.89); assim, não haveria sociedade sem escritura – sem marca genealógica, sem arquivagem etc. – como não haveria sujeito sem arquivo do inconsciente (Derrida,), nem uma sociedade animal sem traço, marcação territorial... São sempre formas de singularidade, na medida em que servem para marcar diferenças, inscrever modos de ser e de ver o outro, de se ver e de se ver no outro.

O mesmo e o diferente apresentam-se para Lacan como a possibilidade de certo deslocamento em relação ao sintoma, à repetição: no final da análise, por meio da transferência, é possível ao sujeito tornar-se poeta, fazendo de seu sintoma um uso diferente. Trata-se da “criatividade”: deslocamento de sintomas singulares, seguido de um trabalho com a letra (significante); letra que passa pelo corpo, modifica-o e se manifesta em obra de arte, em produção, na qual o sujeito se diz e não apenas diz, se inscreve e não apenas escreve. Seria isso fazer da vida uma obra de arte ou da obra de arte, a própria vida, como sugeriu Foucault (), para escapar dos agenciamentos, das tecnologias que se inventam para moldar o eu, sem que disso o indivíduo se aperceba?

Relações de poder que, disseminadas por toda a microfísica social, se caracterizam pela mobilidade, reversibilidade e instabilidade. Para Foucault () só pode haver relações de poder se indivíduos forem livres, não no sentido de uma liberdade absoluta, impossível, embora desejada, mas no sentido de que poderão, a qualquer momento, reagir, resistir; se isso não ocorrer, afirma Foucault, estaremos na presença de um estado de dominação, o que acontece “quando as relações de poder são fixadas, perpetuamente dessimétricas e a margem de liberdade é extremamente limitada” (Foucault, 1984b, p.277). Mas, ainda assim, segundo o filósofo e historiador francês, haverá a possibilidade da greve, da revolução, da luta parlamentar, no caso da dominação política, ou, no caso da dominação conjugal, a fuga, o divórcio e, em casos extremos, até o suicídio poderá constituir uma

³ Tradução minha.

forma de resistência. Ou, por que não, a escrita, a escrita de si como o fez Pierre Rivière? Portanto, para Michel Foucault (e para Derrida,), o sujeito é efeito de um processo que se dá na relação com o outro, no contexto social, através de um certo número de práticas, isto é, de jogos de verdade (“conjunto de regras de produção da verdade [...], conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado que pode ser considerado, em função de suas regras de procedimentos válidos ou não, ganho ou perda” (Foucault, 1984b [2004a: 282]), que o fazem agir, reagir, interagir. Relação que é sempre permeada, atravessada por relações de poder-saber.

Colocando-se, tanto quanto Derrida (1967), numa posição crítica com relação ao eurofonocentrismo, Lacan afirma que a leitura – não-linear – precede a escrita e que esta não é um instrumento nem um acréscimo nem um complemento da oralidade; a escrita opera uma metamorfose na palavra oral, transformando-a em outra coisa que a afasta de sua condição primeira, qual seja a de reconhecer, nessa coisa nova, a estranheza de algo desconhecido (Machado, 1998), dando lugar ao que Freud denominou *unheimlich* (o estranho-familiar ou o familiarmente estranho).

Tanto quanto Derrida, Lacan defende a legibilidade como a mais importante característica da escrita: as imagens – sejam as das telas de vídeo e de computador ou aquelas produzidas pelos sonhos – são sempre visuais, materializadas e, como tal, se dão a ler, para que existam e ganhem sentido. Além disso, a escrita, que constitui o inconsciente, na medida em que a letra é a marca da subjetividade, pois o sujeito é um efeito entre significantes (um significante representa o sujeito para outro significante)⁴, é capaz de suportar o apagamento, destina-se à rasura, permite a transformação. Rasura que Derrida propõe como a única possibilidade de permanência de toda escritura: cicatriz, marca, traço indelével sobre o qual outros traços, se superpõem sem que se apaguem totalmente os anteriores, tal como o pergaminho, o palimpsesto ou a cera dos blocos mágicos (referindo-se a Freud). Esse é o poder subversivo da escrita: ao mesmo tempo em que as palavras permanecem, ela pode sofrer rasuras, apagamentos, transformações; assim, o significante, desprovido, vazio de sentido, pode, ele também, ser apagado ou barrado, ou melhor, o que foi recalcado – censurado, posto de lado – constitui uma operação de apagamento que conserva e guarda intacto, ao mesmo tempo em que faz desaparecer (Machado, 1998: 249). Machado (1998: 250) conclui que a escrita, pelos artificios que ela permite operar, é,

⁴ O verbo ‘representar’ não tem o sentido de substituir x por algo semelhante, mas o que é representado (o sujeito) não é senão um efeito efêmero da passagem de um significante a outro, retirando da representação toda idéia de profundidade e de presença.

para o inconsciente, ao mesmo tempo, a técnica de recalçamento e de revelação”. Mas a escrita tem outras funções:

É um fato que, pelo menos para mim, é quando eu escrevo que eu encontro alguma coisa. Isso não quer dizer que, se eu não escrevesse, nada encontraria. Mas, enfim, eu talvez não fosse capaz de perceber o que encontrasse (Lacan, Seminário 19: 19, 15/12/1971, *apud* Machado, 1998: 237).

Nessa mesma linha de pensamento, seria possível afirmar que é possível perceber as contradições, como ocorre com certa frequência com a ciência (Goody, 1979).

Finalmente, vale lembrar que os três intelectuais concebem a escrit(ur)a como uma espécie de arquivo: arquivo da civilização, permitindo a conservação e a transmissão de dados e informações através do tempo e do espaço, mas, ela é também o que da linguagem é passível de apagamento ou de rasura. Ora, o inconsciente, inacessível à investigação direta, só se presentifica fragmentariamente, pelos atos falhos, pelo equívoco da língua que, porosa, permite que algo do Real, da verdade do sujeito, verdade que ele não sabe que sabe, transborde e se faça sintoma.

Entretanto, segundo Lacan, é possível alcançar uma identificação que preserve uma certa distância, ou um certo deslocamento em relação ao sintoma, mudando a relação do sujeito com a repetição, ou seja, com a invenção e, no final da análise, com a ajuda do analista ou de outro sujeito-suposto-saber (por meio da transferência) é possível, a partir de seu sintoma, o sujeito tornar-se poeta ou artista: se, no início, ele é usado pelo saber fazer do sintoma, onde isso goza sem que ele saiba, no final, resta-lhe a possibilidade de saber fazer com, isto é, de, cada vez que o sintoma se repete, fazer dele um uso diferente, fazer algo com a letra (significante-mestre – S1) do sintoma (Lacan, 4/5/1972). Ainda nesse Seminário, Lacan apresenta o falo/fala como função de fonação: o inconsciente supõe um saber-fal(ad)o, já que se organiza como uma linguagem; linguagem que, por ser equívoca, precisa ser interpretada. Ora, “a função do falo é organizar os significantes, fazendo surgir nos intervalos entre eles, o sujeito (sujeito da linguagem)” (Tarrab, 2002: 6). Assim, é o corte do significante feito pelo analista, pelo sujeito-suposto-saber, que faz surgir o sujeito do desejo inconsciente.

Isso nos permite vislumbrar como se dá o que o senso comum costuma chamar de “criatividade” ou “originalidade” que, afinal, nada mais é do que o deslocamento de sintomas singulares (*sinthoma*), seguido de um trabalho com o significante (a letra) – com o que do real excede – que passa pelo corpo, modifica-o e se manifesta (dá-se a conhecer pela interpretação) em obra de arte ou em produção em que o sujeito se diz e não apenas

diz, se inscreve e não apenas escreve⁵. E o sujeito – efeito do encontro do corpo com a alíngua (“lalangue”, significantes que excedem, não formam sistema ou estrutura e, portanto, não fazem sentido para o eu) – goza desse trabalho que preenche ou supre, ao menos por um momento, o furo, a falta constitutiva ou permite a ilusão desse (im)possível suplemento. E, ao mesmo tempo, se oferece ao outro como dádiva capaz de proporcionar prazer e fazer laços: para alguns, o único modo de ser o desejo do outro.

É Foucault (1983/2004: 156) que, com suas reflexos sobre a correspondência pessoal, nos leva a concluir que “ escrever é, [...] “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. [...] ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (...) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo”. Escrever é, como diria Derrida, responsabilizar-se colocando no corpo do texto e no corpo próprio sua assinatura.

Referências bibliográficas:

- Goody, Jacques (1979) *La raison graphique*, Paris: Ed. de Minuit.
- Derrida, Jacques (1967) *De la gramatologie*. Paris: Éditions de Minuit. [*Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1999].
- Derrida, Jacques (1992) Fazer justiça a Freud: a história da loucura na era da psicanálise. In: *Três Tempos sobre a História da Loucura*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001, p.91-147.
- Derrida, Jacques (1972) *A Farmácia de Platão*. Trad.: Rogério da Costa. São Paulo : Iluminuras, 1991.
- Derrida, Jacques (1995) *Mal de Arquivo*. Trad.: Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2001.
- Derrida, Jacques (1982) Le presque rien de l'imprésentable. Entretien avec Christian *Le Monde*, 31 janeiro. (publicado também, como *Entretiens avec Le Monde*, I, Philosophies, Paris, La Découverte/Le Monde, 1984).
- Lacan, Jacques (1972) *Seminário 11*(Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise), 4/5/1972. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Machado, Ana Maria Netto (1998) *Escrita em Lacan*. Ijuí (RS): Editora Unijuí.
- Foucault, Michel (1984) A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In. Foucault, M: *Ditos e Escritos V*. Trad.: Elisa Monteiro e Inês D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, 264-287 [1984].
- Foucault, Michel (1983) A Escrita de Si. In. Foucault, M: *Ditos e Escritos V*. Trad.: Elisa Monteiro e Inês D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, 144-162.
- Tarrab, Mauricio (2002) “Eficácias del psicoanálisis”. Jornada de la EOL Psicoanálisis Aplicado, Noviembre.
www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=258.

⁵ Ler também, a esse respeito, Foucault (1983).